



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES**  
**LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS**

**MARCUS VINÍCIUS FERREIRA POLICARPO**

***O CONDE DE MONTE CRISTO: UMA RELEITURA DO CLÁSSICO A PARTIR DO  
LETRAMENTO LITERÁRIO***

João Pessoa - PB

2024

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES**  
**LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS**

**MARCUS VINÍCIUS FERREIRA POLICARPO**

***O CONDE DE MONTE CRISTO: UMA RELEITURA DO CLÁSSICO A PARTIR DO***  
**LETRAMENTO LITERÁRIO**

Monografia requerida para conclusão do curso de Licenciatura em Língua Portuguesa da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para a obtenção do grau de Licenciado (a) em Letras.

**Orientador:** Dr. Henrique Miguel de Lima Silva

**Coorientadora:** Dranda. Fabíola Jerônimo Duarte de Lira

João Pessoa - PB

2024

**Catálogo na publicação  
Seção de Catalogação e Classificação**

P766c Policarpo, Marcus Vinicius Ferreira.

O conde de Monte Cristo : uma releitura do clássico a partir do Letramento Literário. / Marcus Vinicius Ferreira Policarpo. - João Pessoa, 2024.  
32 f. : il.

Orientador : Henrique Miguel de Lima Silva.  
TCC (Graduação) - Universidade Federal da Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, 2024.

1. Literatura. 2. O conde de Monte Cristo. 3. Letramento literário. 4. Sequência básica. I. Silva, Henrique Miguel de Lima. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 82

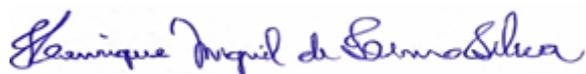
**MARCUS VINÍCIUS FERREIRA POLICARPO**

***O CONDE DE MONTE CRISTO: UMA RELEITURA DO CLÁSSICO A PARTIR DO  
LETRAMENTO LITERÁRIO***

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa – Modalidade presencial da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para a obtenção do grau de Licenciado (a) em Letras.

Data de aprovação: \_\_06\_\_ / \_\_12\_\_ / \_\_2024\_\_

BANCA EXAMINADORA



Orientador: Dr. Henrique Miguel de Lima Silva – UFPB



Coorientadora: Dranda. Fabíola Jerônimo Duarte de Lira – PROLING/UFPB



Examinadora: Dra. Antonia Barros Gibson Simões – PROLING/UFPB

Examinador: Dr. Marco Túlio Fernandes – UFPB

Examinadora: Ma. Danielli Cristina de Lima Silva – PROLING/UFPB - SUPLENTE

Examinador: Dr. Jackson Cícero França Barbosa – UEPB - SUPLENTE

Examinador: Me. Reginaldo Pedro de Lima Silva – MPLE/SEDUC-PB

João Pessoa - PB

2024

## DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado a todos os profissionais da educação que trabalham com dedicação, paciência e criatividade no ensino da literatura, buscando realizar mudanças externas e internas nos estudantes, ao mesmo tempo em que veem nesta, uma possibilidade de mudança de vida para muitas pessoas, enquanto alunos e como cidadãos.

A todos os leitores do Brasil que possuem proximidade com a leitura e com a beleza das artes literárias e que enxergam nela um refúgio e uma forma de paixão inesgotável.

Aos que buscam a mudança de vida por meio das artes e da literatura, que veem na criatividade e na leitura uma forma de se libertar, de se encontrar e refletir sobre a realidade.

Por fim, dedico este trabalho a todos aqueles que acreditam no poder da educação, da leitura, literatura e da arte como formas de mudança de vida e valores, fazendo a diferença pela sociedade e pelo mundo através da arte, da imaginação e dos livros.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, o Pai Celestial, que me criou e me deu um sentido para buscar ensinar e acreditar no poder da educação como meio de fazer a diferença em muitas vidas. Sou muito grato pelo seu amor infinito que me encheu de fervor por todos esses anos de estudos e trabalho duro, pelos seus planos para minha vida, pelo seu olhar paternal que me guiou como um filho que confia nos ensinamentos do seu pai.

Agradeço à minha família que sempre colocou as esperanças em mim, em especial a minha mãe, que me inspirou no caminho acadêmico como futuro profissional da educação e que sempre me apoiou me dando forças para continuar e concluir essa fase da minha vida pessoal. Sou grato por me inserir no mundo da leitura, da literatura, da arte e da poesia, como mãe e como educadora. Sua força, determinação e seu carinho não tem fim.

Agradeço a São Miguel Arcanjo, que me deu força de vontade para superar as dificuldades de cada etapa acadêmica, superando obstáculos físicos, emocionais e espirituais que se opunham a todo sacrifício pessoal já realizado. Agradeço igualmente a todos os santos e santas que pedi e supliquei pelas suas intercessões ao longo de todo período de estudos, avaliações e momentos de solidão ou de necessidade.

Agradeço aos meus parentes e familiares, que colocaram fé em minha capacidade e acreditaram em minhas habilidades, ao mesmo tempo em que me incentivaram a seguir em frente e buscar o melhor que Deus poderia me ofertar. Agradeço por cada palavra de apoio, cada aperto de mão, cada abraço, cada consolo e cada sorriso inspirador que me foi atribuído.

Espero do fundo do coração e da minha alma ter honrado todos que acreditaram em mim, bem como os sacrifícios que foram feitos ao longo de todos esses anos e que me fizeram aprender com as adversidades e cada desafios. Muito foi aprendido, não apenas com estudos e trabalhos, mas também com o sofrimento, que com a graça de Deus, espero poder transformá-lo em um caminho de amor ao aprendizado para todos que almejam um futuro próspero e com a esperança de um mundo melhor.

## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo propor uma releitura do clássico francês O Conde de Monte Cristo, de Alexandre Dumas (2012) e Chianca (2008), na perspectiva do letramento literário. Para tanto, propõe-se uma prática de leitura sugerida para turmas do 9º Ano do Ensino Fundamental II – Anos Finais, seguindo as etapas da sequência básica (Cosson, 2020). Esta pesquisa é de abordagem qualitativa e tem como percurso metodológico a revisão bibliográfica, cujo aporte teórico se embasa nos estudos acerca dos clássicos em Calvino (2001), Candido (2011); e do letramento literário em Cosson (2020), Zilberman (2012), Silva (2023) entre outros. Ademais, as categorias analíticas selecionadas, os princípios, valores e aprendizados representados na obra ora analisada evidenciam a relevância do valor estético e literário, seja na sala de aula ou para além dela, contribuindo tanto para a formação leitora quanto para a formação integral do sujeito, sendo um caminho de autoaperfeiçoamento de habilidades e competências que, baseando-se no letramento literário, prepara a formação de estudantes para se tornarem novos leitores e cidadãos mais preparados de forma moral e ética, dado que, por meio da literatura, os leitores encontram um meio de aprender a superar desafios e obstáculos em sua vivência social.

**Palavras-chave:** Literatura; O Conde de Monte Cristo; Letramento literário; Sequência básica.

## ABSTRACT

*This work aims to propose a reinterpretation of the French classic *The Count of Monte Cristo*, by Alexandre Dumas (2012) and Chianca (2008), from the perspective of literary. To this end, a reading practice suggested for 9th grade classes of Elementary School II – Final Years is proposed, following the stages of the basic sequence (Cosson, 2020). This research has a qualitative approach and its methodological path is a bibliographic review, whose theoretical contribution is based on studies on the classics in Calvino (2001), Candido (2011); and on literary literacy in Cosson (2020), Zilberman (2012), Silva (2023) among others. Furthermore, the selected analytical categories, principles, values and learning represented in the work analyzed here demonstrate the relevance of aesthetic and literary value, whether in the classroom or beyond, contributing both to the formation of readers and to the integral formation of the subject, being a path of self-improvement of skills and competencies that, based on literary literacy, prepares the formation of students to become new readers and citizens who are more prepared in a moral and ethical way, given that, through literature, readers find a way to learn to overcome challenges and obstacles in their social experience.*

**Keywords:** Literature; *The Count of Monte Cristo*; Literary literacy; Basic sequence.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2 POR QUE CONTINUAR LENDO OS CLÁSSICOS? .....</b>	<b>10</b>
2.1 <i>O Conde de Monte Cristo: Uma releitura.....</i>	13
2.2 Como é possível compreender a mensagem desvelada na obra?.....	16
<b>3. O CONDE DE MONTE CRISTO: LETRAMENTO LITERÁRIO PARA ALÉM DA SALA DE AULA .....</b>	<b>18</b>
3.1 Letramento literário.....	20
3.2 A proposta da sequência básica na prática .....	21
3.2.1 <i>Motivação .....</i>	25
3.2.2 <i>Introdução.....</i>	25
3.2.3 <i>Leitura .....</i>	27
3.2.4 <i>Interpretação.....</i>	28
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>29</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>30</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Recentemente, observa-se que, em geral, o ensino de literatura em sala de aula pauta-se ainda na apresentação das escolas literárias, seus estilos, características, autores e obras. No entanto, essa visão limitada e engessada distancia e impede os alunos de usufruírem de forma mais ampla do conhecimento e do saber literário, especialmente das obras clássicas, acarretando, no alunado, o desinteresse pela leitura literária.

Dessa maneira, concorda-se com Silva (2023, p. 40), ao apontar que “a didatização do ensino da literatura, conforme feita pelos livros didáticos e cegamente seguida por muitos professores, aniquila o potencial das obras literárias em estimular a fantasia dos leitores e levá-los a lugares inusitados de produção de ideias/sentidos.

Por mais que o ensino das escolas literárias seja relevante, ele não deveria substituir ou estar em detrimento a experiência da leitura literária, pois “ler literatura, constituindo um conjunto peculiar de experiências, é também compreender e compreender-se melhor no mundo em termos de conhecimentos, atitudes e valores (Silva, 2023, p. 36).

Nesse sentido, aponta-se que a literatura desempenha, historicamente, um papel importante como fonte de conhecimentos e saberes. Por isso este trabalho tem como temática a importância das obras consideradas clássicas para o ensino de princípios, valores e conhecimentos que podem vir a ser necessários na vida pessoal dos alunos e no seu cotidiano. Mediante essa situação, faz-se necessário questionar: Qual a melhor forma de ensinar literatura aos alunos através dos clássicos?

Sendo assim, essa indagação está atrelada ao letramento literário, sendo possível traçar um caminho, no qual o sujeito-leitor possa fazer o uso adequado da literatura em diversas práticas sociais, por meio dos conhecimentos e do saber literário, considerando as características textuais, éticas e estética da obra.

Diante disso, para melhor aprofundamento deste trabalho, será feita uma releitura do clássico francês *O Conde de Monte Cristo*, de Alexandre Dumas (2012), utilizando como base o conceito de letramento literário, à luz de Cosson (2020). Na análise, busca-se identificar os ensinamentos presentes na obra, especialmente no que diz respeito ao seu potencial educativo para os jovens leitores. Sobre esse ponto, entende-se que os princípios, valores e aprendizados representados na obra literária possibilitam não apenas ensinar o leitor sobre a importância e o valor literário, mas também de orientar acerca de questões morais, éticas e valores sociais fundamentais para o desenvolvimento do indivíduo como cidadão.

Nesse viés, este trabalho não se limita a uma mera análise literária da obra, mas busca contribuir para uma reflexão mais ampla sobre o papel da literatura na formação dos sujeitos dentro e fora da sala de aula, a partir da releitura dos clássicos como base de reflexão social, situacional, estética e crítica.

Sendo assim, para este estudo foram formulados os seguintes objetivos:

- Geral: Propor uma releitura do clássico *O Conde de Monte Cristo*, de Alexandre Dumas (2012), por meio do letramento literário.
- Específicos: 1) Discutir a concepção de clássico que norteia este estudo, pontuando a atualidade das categorias analíticas: ensinamentos, conhecimentos e valores que possam ser desvelados pelos estudantes do 9º Ano do Ensino Fundamental – Anos Finais; 2) Conceituar o letramento literário como uma prática prazerosa, discutindo a importância dos princípios, valores e aprendizados desvelados na obra, por meio da sequência básica (Cosson, 2020).

Esta pesquisa contempla uma abordagem qualitativa, que segundo Rapimám (2015, p. 212), “tem como principal objetivo compreender os fenômenos sociais, grupos de indivíduos ou situações sociais”. Utilizou-se como percurso metodológico a revisão bibliográfica, cujas reflexões, análises e discussões se apoiaram nos estudos acerca dos clássicos em Calvino (2001) e Candido (2011); e para elaboração da prática de leitura, recorreu-se ao letramento literário em Cosson (2020), Zilberman (2012), Silva (2023) entre outros.

Este trabalho se divide em dois capítulos: o primeiro, intitulado *Por que continuar lendo os clássicos?*, versa sobre a definição de clássico que ampara este estudo e discute a importância da sua leitura e mediação adequadas na sala de aula, pontuando suas contribuições tanto para a formação do sujeito leitor quanto para sua formação integral como cidadão.

Já o segundo capítulo, *Letramento literário a partir de O Conde de Monte Cristo*, busca conceituar o letramento literário e apresentar uma sugestão de prática de leitura da obra em análise, por meio da sequência básica (Cosson, 2020). Por fim, encerra-se o texto, elencando os elementos e aspectos pertinentes do trabalho realizado e instigando reflexões no ímpeto de contribuir, de alguma forma, para a formação de jovens leitores e para a formação inicial de professores de Língua Portuguesa.

## 2 POR QUE CONTINUAR LENDO OS CLÁSSICOS?

Baseando-se na visão do escritor italiano, Italo Calvino (2001), na literatura, o clássico pode ser uma obra que naturalmente demonstra ter um conteúdo de teor inesgotável, ou seja, sempre há algo novo, inédito a ser dito, observado e discutido, não importando o quão antigo ele seja. O posicionamento do autor, que apresenta várias definições de clássico, é que, de fato, o clássico é um manancial abundante também de conhecimento. Em outras palavras, seria uma fonte de aprendizado independentemente de quando a obra foi produzida, visto que a mesma se torna fixa no âmbito da literatura, sendo vista como uma obra exemplar e necessária na visão daqueles que a estudam de maneira aprofundada.

De acordo com o autor, uma obra clássica, também recebe esse título quando se populariza e sempre tem a oferecer algo renovador, mesmo sendo percebida como uma obra antiga. Desse modo, o tempo demonstra que seu conteúdo continua sendo necessário para a literatura, contribuindo para o processo de formação dos sujeitos ou até mesmo para a consulta de conhecimento, suscitando assim, o constante interesse de estudos.

Nessa direção, o professor Erick France de Souza comenta sobre o livro póstumo *Por que ler os clássicos*, de Calvino, e alerta que não basta uma obra se popularizar para que seja considerada como clássica, é preciso, pois que o conteúdo seja, no geral, algo inesgotável e sempre siga se renovando com passar do tempo, de tal maneira que, aquilo considerado como clássico “[...] pode se popularizar, mas nem tudo que se populariza é um clássico” (Souza, s/a, p. 1). Ainda, segundo Souza, o clássico foi (e ainda é) compreendido, de forma limitada, cujo termo deriva de “classe”, referindo-se a artes em geral, dando a entender um sentido de erudição, elegância, rebuscamento etc., por vezes, associado a pessoas de *status* social elevado. Seguindo esse pensamento, o clássico seria tudo aquilo que possui um nível de excelência ou feita, contanto que respeite a característica anterior, ou seja, que ele seja atemporal e inesgotável de discussão. Sendo assim, a definição de clássico contempla a literatura, a pintura, a escultura, a música, a dança e outras formas de artes e expressões artísticas.

Cabe ressaltar que essa ideia de clássico associada ao *status* social foi disseminada e inculcada no imaginário social, atravessando tempos e espaços. Assim, no contexto escolar hodierno, especialmente em escolas e universidades públicas, essa ideia ainda persiste, e na maioria das vezes, culminam em um distanciamento entre os estudantes adolescentes/jovens e as obras clássicas, porque são vistas como enfadonhas, de leitura difícil e muito pouco atrativas.

O professor Milton Marques Júnior (2008, p. 6) adere uma visão do clássico no texto, *Introdução aos Estudos Clássicos*, ressaltando que o clássico aparenta estar presente em um tipo de ciclo, pois permanece fundado em valores universais que estão entranhados ao ser humano, de forma que o clássico permanece em um estado de movimentação, garantindo assim a sua “eternidade”. O autor ainda faz referência aos clássicos *Ilíada* e *Odisseia*, escritos por Homero, e que a mais de dois mil anos vem sendo lidos, discutidos, comentados e analisados.

Nessa perspectiva, uma das definições de clássico apresentadas por Calvino (2001, p. 11, grifos do autor) se alinha à proposta de que o clássico se funda em valores ancestrais e universais, afirmando que “os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes)”.

Sendo assim, o que se sucede com as obras de *Homero* é um exemplo da profundidade dos ensinamentos e temas que os clássicos possuem de melhor, e que quando se acredita já ter explorado tudo o que a obra tinha de original, encontra-se uma visão mais ampla, novas informações e detalhes inimagináveis que são de grande valia para os mais diversos campos de estudos como da educação, da literatura, da filosofia, da história, entre outros.

Para o desenvolvimento deste trabalho, será usada a visão de Italo Calvino a respeito do clássico, descrita, anteriormente, como sendo a obra que demonstra ter um conteúdo que nunca se esgota, e quando é analisado de forma adequada, sempre possui algo novo a ser descoberto e observado, independentemente, do quão antigo seja a obra. Essa visão funcionará como o principal meio para interpretar a obra clássica *O Conde de Monte Cristo*, Dumas (2012), que será a base deste trabalho e, simultaneamente, a “fonte clássica” que servirá como referência de valores culturais, princípios e ensinamentos a serem analisados.

Mediante essa explanação inicial, busca-se responder ao seguinte questionamento: Por que continuar lendo os clássicos? Esclarece-se, primeiramente, que esse fator se torna um ponto de discussão abrangente para este trabalho, pois questiona a base e o material utilizado. Afinal, qual a necessidade de ler um clássico e não outra obra?

O fato é que as obras clássicas transmitem uma gama de conhecimentos e valores diretamente ligados ao aprendizado, sendo obras que transmitem ideias inéditas, pensamentos críticos e visões de mundo de uma determinada sociedade e em dado período histórico. Além disso, o clássico denota informações valiosas sobre a história e a sociedade, que repassam ou reforçam valores que até então deveriam ser únicos para o seu tempo e para o seu povo, traduzindo características de um aprendizado formado por critérios sociais, críticas sociais etc.

Por essa lógica, Candido (2011, p.175) afirma que

cada sociedade cria as suas manifestações ficcionais, poéticas e dramáticas de acordo com os seus impulsos, as suas crenças, os seus sentimentos, as suas normas, a fim de fortalecer em cada um a presença e atuação deles. Por isso é que, mas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática.

Nesse sentido, um dos objetivos específicos deste trabalho é analisar a obra clássica supracitada em diálogo com o letramento literário. Desse modo, busca-se analisar os ensinamentos que a obra tem a oferecer ao público-leitor, particularmente no ambiente de escolarização formal, mas que deveria ultrapassar os muros da escola.

Quanto ao motivo deste trabalho selecionar um clássico da literatura francesa e não outra obra, apresenta-se duas justificativas com base nos estudos de Rildo Cosson (2020), na perspectiva do letramento literário. A primeira se refere ao fato de a obra ser considerada um cânone, ou seja, passou pelo crivo de especialistas literários e foi consagrada como uma obra de referência para determinada nação e/ou idioma. E, muito possivelmente, sem essa consagração, a obra não teria tido tantas publicações, edições e grande circulação a nível global.

Já o segundo ponto, refere-se à atualidade da obra, característica intrínseca de um clássico. Inclusive, é pertinente diferenciar uma obra atual de uma obra contemporânea. Essa se refere à uma obra escrita e publicada no tempo do leitor, já aquela é escrita e possui significado para o leitor, independentemente da sua época de produção e publicação. Logo, muitas obras consideradas contemporâneas não possuem um real sentido para determinados leitores, enquanto que as obras escritas no passado, podem ser plenas de sentido para a vida do leitor. Assim sendo, segundo Cosson (2020) o letramento literário é alcançado, utilizando o atual, seja ele contemporâneo ou não, visto que “é essa atualidade que gera a facilidade e o interesse de leitura dos alunos”.

A vista disso, surge o segundo questionamento a respeito das lições morais e éticas presentes nos clássicos. Como pode haver a possibilidade de discuti-los por meio da literatura? Trata-se então de uma condição interessante que considera a educação como uma maneira de transparecer lições através da prática de ensino literário. Apoiando-se em Cosson (2020), o uso da literatura como matéria de base para educar não é recente, pelo contrário, ela antecede a existência formal da escola. Além disso, Cosson menciona a autora Regina Zilberman (1990) e sua obra “*Sim, a literatura educa*”, em que a mesma relembra o leitor que as chamadas tragédias gregas tinham o princípio básico voltado para a educação moral e social do povo. Esse fator histórico serve para demonstrar uma característica da literatura quando usada como base, no

processo de ensino aprendizagem. Sendo assim, Cosson destaca esse fator como sendo uma subvenção dos dramaturgos pelo Estado e ressalta a importância do teatro entre os gregos.

Do mesmo modo, é bem conhecida a fórmula horaciana que reúne na literatura o útil e o agradável. Essa tradição cristaliza-se no ensino da língua nas escolas com um duplo pressuposto: a literatura serve tanto para ensinar a ler e a escrever quanto para formar culturalmente o indivíduo (Cosson, 2020, p. 20).

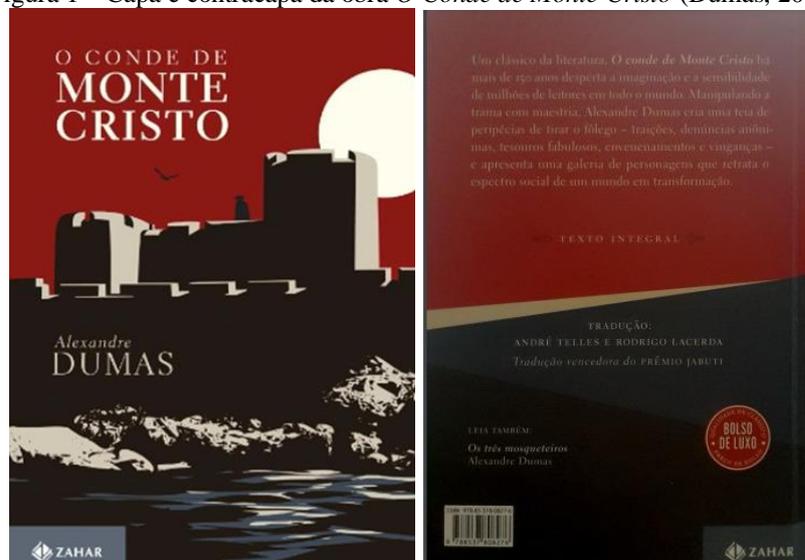
O autor conclui o seu pensamento fazendo a menção à literatura nas escolas, pontuando que no Ensino Fundamental ela teria como objetivo sustentar a formação do leitor, e que no Ensino Médio, o foco seria integrar o leitor à cultura literária, mas a literatura, seria implementada como uma disciplina à parte da Língua Portuguesa.

Mediante essa discussão, concorda-se que a literatura, na escola, pode assumir essa dupla função de formação de leitores e a integração de sujeitos à cultura literária, e tantas outras que podem ser necessárias e/ou que lhes serão atribuídas. No entanto, ela não deve ser descaracterizada, ou seja, em todo o processo formativo, deve-se enfatizar a sua natureza mister, o seu valor literário e estético.

### 2.1 *O conde de Monte Cristo*: uma releitura

Esclarece-se que, neste estudo, foram utilizadas duas distintas edições do referido clássico. Para as análises mais aprofundadas deste capítulo, utilizou-se a edição de 2012, traduzida por André Telles e Rodrigo Lacerda, publicada pela Editora Zahar.

Figura 1 – Capa e contracapa da obra *O Conde de Monte Cristo* (Dumas, 2012)



Fonte: Imagens capturadas pelo autor (2024)

Já para a proposta da sequência básica, na escola, selecionou-se uma versão adaptada, que será apresentada no próximo capítulo, compreendendo que a obra original possui muitas páginas e isso poderia comprometer tanto a explanação dos conteúdos e demais atividades da disciplina de Língua Portuguesa quanto a execução da proposta de letramento literário.

Dito isto, aponta-se que para evitar o anacronismo, a (re)leitura da obra em análise, deve se pautar na compreensão de alguns aspectos de seu contexto histórico que foram articulados, explícita ou implicitamente, na construção do enredo. Desse modo, apresenta-se brevemente uma síntese da narrativa para que seja possível observar tal articulação.

*O Conde de Monte Cristo* é um romance ambientado na França, que narra a história do jovem marinheiro Edmond Dantès, que acaba sendo preso injustamente, acusado de conspirar contra o governo. A trama da obra se passa no início do século XIX e se inicia com Dantès sendo traído por amigos que o invejavam, sendo um deles, um promotor corrupto, e juntos o acusam de ser um espião de Napoleão Bonaparte. Dantès é enviado para a prisão no Castelo de If, onde passa quatorze anos preso.

Durante seu tempo na prisão, o marinheiro conhece o Abade Faria, um prisioneiro conhecido por ser um sábio, e acaba por se tornar seu mentor. O Abade revela a Dantès a localização de um tesouro escondido na ilha de Monte Cristo, e após a sua morte, Dantès consegue escapar da prisão e encontra o tesouro, tornando-se um homem muito rico. Com sua nova identidade como o Conde de Monte Cristo, ele retorna à sociedade parisiense com o objetivo de se vingar dos seus traidores a quem chamava de amigos.

Logo, Dantès elabora planos estratégicos para poder se vingar, usando sua riqueza e inteligência adquirida na prisão, faz o possível para manipular eventos e pessoas, a fim de desmascarar a corrupção e a hipocrisia da sociedade. Enquanto isso, Dantès enfrenta dilemas morais sobre a justiça e a vingança.

Ressalta-se que o escritor francês, Alexandre Dumas (1802-1870) escreveu *O Conde de Monte Cristo* no período da Revolução de 1830<sup>1</sup>, em Paris, momento marcado por mudança política do governo francês, que implementou uma monarquia constitucional mais favorável à burguesia. Em outras palavras, a monarquia deixou de ser absolutista e passou a aderir aos “princípios liberais e nacionalistas”, como é descrito por Campos (2009, p. 151).

---

<sup>1</sup> Conhecida também como Revolução de Julho ou Três Glórias, por ter ocorrido nos dias 27, 28 e 29 de julho de 1830, trata-se de um movimento antiabsolutista.

Nesse viés, percebe-se a influência do contexto histórico em várias passagens da ficção, inclusive com relação ao próprio tempo, visto que o enredo da obra é delimitado entre os anos de 1814 e 1830. Ou seja, durante o evento mais notório da referida revolução, no qual, em 1814, Napoleão Bonaparte (1769-1821) foi exilado na Ilha de Elba. Curiosamente, Dumas determina o momento de vitória do protagonista Edmund Dantès nesse mesmo ano.

De acordo com Campos (2009), Dumas lutou para melhorar o sistema político da França, defendendo um sistema de governo liberal e menos conservador, atuando contra o governo de Carlos X, que queria se erguer no poder como monarca. Logo, entende-se que há uma proximidade relevante acerca da história de vida de Alexandre Dumas e a vida do personagem Edmund Dantès. Ambos estiveram em Paris, passaram por injustiças em uma época de revoluções e presenciaram uma mudança significativa na sociedade, nas pessoas, na arte e literatura, tendo em vista que é neste período histórico posterior ao Iluminismo, à Revolução Francesa e ao chamado Renascimento. Trata-se, assim, não apenas de uma obra de ficção, mas também de uma forma de o escritor espelhar a sua realidade vivida em uma França conturbada pelos horrores das revoluções, exprimindo uma busca pela justiça social e a vingança do personagem Dantès contra seus traidores que o mandaram para a prisão.

Ainda conforme Campos, os ideais renascentistas e iluministas se desdobraram nesse período histórico, já que através desses movimentos as artes e as ciências se desenvolveram ainda mais no campo da razão. Isso foi um fator característico desse período, em que a fé cristã e a Igreja Católica perdem a sua posição de destaque, dando lugar à razão e ao antropocentrismo, tornando-os o centro da atenção artística e cultural do seu tempo. A autora também estabelece uma descrição que transmite a essência e a influência do Renascimento, que “estabelecia um novo paradigma para a percepção do mundo, sociedade, da história. [...] influenciou também o século XVIII, levando sua postura crítica às últimas consequências através do Iluminismo” (Campos, 2009, p. 154).

Sendo assim, acerca do Iluminismo, Campos (2009, p. 154) aponta que “sua principal característica era a valorização da ciência e da racionalidade com forma de eliminar a ignorância dos seres humanos”. Esse comentário serve para reforçar o intuito e o interesse central por trás dos movimentos ao longo do período das revoluções que ocorreram na França, libertar o ser humano da ignorância e fazer com que o mesmo alcançasse o seu auge de “perfeição” intelectual e cultural.

## 2.2 Como é possível compreender a mensagem desvelada na obra?

Conforme citado no tópico introdutório, selecionou-se três categorias analíticas que podem ser desveladas na obra em análise e que serão apresentadas e discutidas nesta seção: os princípios, valores e aprendizados. Sobre essas categorias, é importante esclarecer que ambas possuem um potencial de oferecer uma real mudança no sujeito social. Isso pode ser visto ao longo da história, pois no início, Dantès pensava em se vingar, mas depois do seu aprendizado com o Abade Faria, refletiu melhor o seu objetivo e planejou fazer a justiça de fato.

Esse objetivo pessoal do personagem é um ponto de destaque na obra, pois o seu plano inicial era de matá-los, no entanto, opta por não lhes tirar a vida, mas sim, de fazer com que seus inimigos fossem punidos. Sendo assim, o protagonista faz justiça retirando de cada um de seus inimigos tudo aquilo o que eles mais almejavam como dinheiro, poder e o amor de uma mulher que antes lhe era prometida em casamento, a personagem Mercedes.

Para que se possa compreender como a obra de Alexandre Dumas denota uma natureza, de certa forma, “pedagógica” acerca do aprendizado, é necessário que, primeiramente, haja uma contextualização do momento mais decisivo de toda a narrativa, no qual o Abade Faria é apresentado na história e se torna amigo e professor de Edmund Dantès.

Ressalta-se que a maneira de como toda a cena acontece traz um sentido para que se compreenda o real significado da presença do Abade na vida de Dantès. Sendo assim, baseando-se em Campos (2009, p.155), o Abade Faria é um personagem com uma aparência característica de um homem já velho, que possui uma barba longa com alguns fiapos já grisalhos. Essa imagem do personagem, à luz do contexto histórico, pode ser vista como o símbolo da sabedoria, como aquele que possui saberes diversos e muita experiência de vida. Além disso, o momento em que Faria chega à cela de Edmund, o personagem pode ser comparado a uma figura angelical que passa a iluminar a vida do jovem marinheiro. Esse detalhe da iluminação associado ao personagem é descrito de diferentes formas nas outras edições do clássico, porém, pode-se ser apreciada no trecho, abaixo:

Dantès acolheu em seus braços aquele novo amigo, por tanto tempo e tão impacientemente esperado, e o puxou para a luz a fim de que o pouco de dia que penetrava na masmorra o iluminaria por inteiro (Dumas, 2012, p. 204).

Percebe-se que ocorre um sentido de resposta a um momento anterior da narrativa, na qual Edmund escreve na parede da sua cela, “*Deus me trará justiça*”, como se o Abade Faria fosse o início da justiça de Deus para com a vida de Dantès, posto que o mesmo oferece o

conhecimento e saber que o jovem marinheiro precisava para realizar a sua justiça. Dessa forma o Faria pode ser visto como o “iluminado”, um iluminista que guia Edmund no caminho do conhecimento a fim de torná-lo alguém mais sábio, não movido pelos seus instintos ou emoções fora de ordem, mas sim, através do intelecto e do seu preparo.

Nota-se ainda que o Abade Faria transmite uma ideia que atualmente se conhece por “sair da zona de conforto”, de tal forma que o mesmo defende a ideia que para alcançarmos a melhor versão de si mesmos e para que de fato haja o aprendizado, o sujeito precisa ser colocado à prova em situações de pressão, a fim de que este possa aprender a superar problemas e situações de perigo ou que aparentemente não possuem uma saída ou resolução.

Esses dois fatores ficam evidentes quando o Abade Faria descreve esse processo que o mesmo vivenciou quando foi aprisionado no Castelo de If, sendo que até então, as únicas companhias do Abade eram os seus saberes e habilidades que lhe proporcionaram a sua adaptação, conforme descrito no trecho a seguir.

– Nada, talvez; esse transbordamento do meu cérebro evaporou-se em banalidades. É preciso o infortúnio para escavar certas jazidas misteriosas escondidas na inteligência humana; é preciso pressão para fazer a pólvora explodir. O cativo reuniu num único ponto todas as minhas faculdades que flutuavam aqui e ali; elas consolidaram num espaço exíguo; e, o senhor sabe, da colisão das nuvens resulta a eletricidade, da eletricidade, o relâmpago, do relâmpago, a luz. – (Dumas, 2012, p. 220).

A ideia de que a vida de Edmund é “iluminada” após a chegada do Abade em sua vida, fica ainda mais definida e clara quando o mesmo o convida a entrar na sua cela, por meio de um túnel que o padre escavava tentando fugir do Castelo de If. O Abade convida-o dizendo “*Siga-me então*”, e tal frase serve para ressaltar o discurso religioso por trás da obra, pois trata-se do mesmo chamado que Jesus Cristo fez aos seus Apóstolos para segui-lo e tê-lo como um mestre e professor. Logo, os personagens passam pelo túnel entre ambas as celas, de forma que ele é escuro e cheio de trevas, e fica subtendido que Dantès está sendo guiado pelo Abade para deixar a escuridão da ignorância para trás e está guiando-o para sua nova vida.

Desse modo, o enredo, aos poucos, revela que o jovem inocente não mais cometerá os mesmos erros que o levaram a chegar até ali, por ser alguém que passou por injustiças por causa da sua falta de conhecimento e pela sua ingenuidade para com os demais que desejavam o seu mal. Isso pode ser observado no momento em que o Abade Faria começa a debater com o protagonista e indagar sobre quem poderia ser o responsável por acusá-lo injustamente e o motivo dessa acusação. Nessa conversa, identifica-se o real valor de um homem “iluminado”, que reflete sobre a realidade, aquele que atua como um filósofo e traz a luz para seu aluno.

Evidencia-se que aquele seria o momento mais apropriado para esta mudança primária no comportamento do protagonista, quando Dantès, em meio a reflexões, questionamentos, dúvidas e respostas, percebe o quão foi ingênuo, possibilitando aos companheiros tramarem o seu fim no Castelo de If. Sendo que nesse momento, a mente de Dantès se clareia através do pensamento e ele passa a compreender sua situação de outro ângulo.

Então uma luz fulgurante atravessou o cérebro do prisioneiro, tudo que permanecera obscuro para ele foi no mesmo instante iluminado por uma luz intensa. Aquelas tergiversações de Villefort durante o interrogatório, aquela carta destruída, o juramento exigido, aquela voz quase suplicante do magistrado, que, em vez de ameaçar, parecia implorar, tudo lhe voltou à memória; deu um grito, vacilou um instante como um homem bêbado; depois, precipitando-se pelo vão que levava da cela do abade à sua: – Oh – disse ele, – preciso ficar sozinho para refletir sobre tudo isso (Dumas, 2012, p. 228-229).

Após esse momento, o “conceito” em relação ao significado do túnel escavado também muda até o momento da fuga de Edmund, de forma que Edmund não mais será o mesmo homem a partir de então. E assim, rumo em direção à civilização para retomar o que é seu e, finalmente, alcançar a sua vingança contra os que lhe aprisionaram injustamente.

Com relação aos princípios, a obra oferece uma maneira visível de compreender com mais aprofundamento, como o aprendizado coloca o sujeito em uma situação de “evolução” ou “transcendência”. Isso porque como já comentado, Dantès almejava a vingança punindo os seus inimigos com a morte, mas com o aprendizado transmitido pelo Abade, tornou-se alguém mais sábio, que toma decisões mais sensatas, ao invés de fazê-las de forma irracional.

Tal aspecto também pode se relacionar aos valores sociais, que podem ser desvelados na obra como uma maneira de tornar comportamentos, pensamentos e desejos que antes eram vistos como “instintivos” ou “bárbaros”, em algo mais civilizado e ordeiro. Um exemplo na obra como já citado, é a própria mudança que acontece de maneira interior e depois exterior em Edmund, que antes desejava punir com a morte, agora passa punir com a justiça, sabedoria, estratégia e com a punição da lei vigente.

### **3. O CONDE DE MONTE CRISTO: LETRAMENTO LITERÁRIO PARA ALÉM DA SALA DE AULA**

Conforme já mencionado a obra selecionada oferece relevantes reflexões acerca da importância do ato de educar e da aquisição de conhecimentos na formação integral dos sujeitos. Sendo assim, torna-se possível utilizar tais aspectos para discutir elementos como as

ações, os valores, os ideais, as personalidades e as fragilidades dos personagens ao longo da narrativa que podem contribuir para o processo de ensino e aprendizagem não apenas dentro, mas também fora da sala de aula.

A obra de Dumas pode ser vista como uma maneira de mostrar ao leitor o “poder” que é o próprio conhecimento ou que dele advém. Nesse sentido, a aquisição do conhecimento quando bem direcionado é capaz de transformar vidas e o destino de quem busca sair de situações complexas e até mesmo injustas. Dessa forma, a mediação adequada da obra poderá oportunizar aos estudantes a possibilidade de se colocar no lugar do protagonista e comparar a sua realidade com a do mesmo, refletindo sobre os desafios, as dificuldades que estão sendo enfrentadas e até mesmo estabelecer conexões dos momentos de alegria e superação do personagem com a história pessoal do leitor.

Nessa direção, a história de Edmund Dantès é um caminho na busca por conhecimentos que o mesmo não teve acesso, o de discernir amizades boas das más, o saber intelectual, os conhecimentos elementares de sua época etc. Desse modo, é possível desvelar a história como um exemplo para os estudantes, para que compreendam a jornada do personagem e de como o conhecimento repassado pelo seu professor, o Abade Faria, mudou a sua vida, permitindo a busca por uma vida mais virtuosa e por habilidades que foram necessárias para a sua atuação em sociedade.

Além disso, para aqueles (leitores) que assim como Edmund Dantès, possuem um objetivo de vida em mente e buscam maneiras distintas de alcançá-lo, é possível traçar um caminho além da sala de aula, abrindo o caminho também para a literatura. Logo, espera-se uma mudança na percepção dos estudantes ao acompanhar a trajetória do personagem e de como o mesmo usa de seus conhecimentos e capacidades para alcançar a sua justiça.

Na mediação da obra, pode-se, inclusive, promover reflexões com os leitores para que compreendam que há um sentido por trás dos clássicos, por trás da literatura, e que a mesma pode funcionar como uma professora para aqueles não possuem um educador ao seu lado (entende-se, aqui, no sentido físico).

Assim sendo, a literatura poderá se configurar também como um meio de ensinar valores, virtudes e princípios através da arte, seja escrita, visual, musical, teatral entre outras formas de expressão. As obras literárias, portanto, são fontes originárias que buscam transmitir tais ensinamentos para o seu público-leitor, dependendo, apenas, de que alguns auxiliem aqueles que possuem dificuldades de compreender a mensagem de uma obra clássica, a chegar e usufruir dessa “fonte” de conhecimento e saberes.

### 3.1 Letramento literário

Neste tópico, serão abordados o letramento literário e a sequência básica (doravante SB) sugerida por Cosson (2020), oferecendo um caminho focado na leitura, análise, interpretação textual aprofundada e na reflexão dos pontos de interesse da obra selecionada.

O letramento literário, nas palavras de Cosson (2020), é uma maneira de garantir ao sujeito o domínio efetivo do uso social da escrita, além de oferecer um caminho de letramento voltado para os textos literários, de tal forma que a formação do letramento seja oferecida não apenas pelo corpo escolar, mas sim, que seja difuso na sociedade.

O autor destaca ainda que o letramento literário, pode ser entendido como um caminho na compreensão ao mundo da literatura. Contudo, ela não depende, apenas, da alfabetização dos sujeitos ou do seu nível de domínio sobre a leitura e escrita, mas o letramento se centraliza no uso dessas práticas em cada etapa de experiência do sujeito. Ou seja, o letramento literário ocorre quando o sujeito-leitor lê/vê, ouve, compreende e interpreta, ao seu modo, diferentes tipos de obras e textos literários, e incorpora algum tipo de aprendizado, saber ou conhecimento em práticas sociais cotidianas sejam elas escritas, orais ou imagéticas.

Sendo assim, o letramento literário se torna efetivo “quando acontece o relacionamento entre um objeto material, o livro, e aquele universo ficcional, que se expressa por meio de gêneros específicos – a narrativa e a poesia, entre outros – a que o ser humano tem acesso graças à audição e à leitura” (Zilberman, 2012, p.130-131).

Nessa mesma direção, Cosson pontua o letramento literário como uma via de alfabetização, sendo que este conhecimento acaba sendo voltado para o seu uso social, por meio do estudo e análise de obras literárias que possam ser usados de maneira diversificada na sociedade. Trata-se então, de uma “escolarização da literatura”, isso se deve pelo fato de que há a possibilidade de se buscar a formação de comunidades de leitores (Cosson, 2020). Possibilitando assim, que toda uma comunidade consiga entrar em comunhão e reconhecer os “laços” que unem seus membros no espaço e no tempo que se encontram, sendo uma comunidade que é construída na sala de aula, mas que vai além dela, pois o letramento literário torna possível que cada aluno descubra uma maneira particular de enxergar, compreender e viver no mundo e na sua realidade.

Cabe ainda ressaltar que para Cosson (2020) um indivíduo não necessariamente pode ser totalmente desprovido de letramento, mesmo que seja alfabetizado. No entanto, o mesmo indivíduo pode ter um determinado grau de letramento em uma área específica e possuir um

conhecimento difuso e/ou superficial em outra área, isso dependente das suas necessidades particulares e das oportunidades que a sociedade lhe oferta ou lhe entrega como demanda.

Há muitas maneiras de incentivar o letramento literário no contexto escolar, porém optou-se, neste estudo, pela sequência básica, metodologia proposta por Cosson (2020), aqui compreendida como uma prática de leitura e/ou releitura, previamente planejada, para ler o clássico mencionado, com o intuito de compreendê-lo melhor e com mais profundidade de reflexões e objetividade.

### 3.2 A proposta da sequência básica na prática

Neste tópico, objetiva-se apresentar em detalhes uma proposta de prática de leitura da obra *O Conde de Monte Cristo* (2008) por meio da sequência básica (Cosson, 2020) dividida em quatro etapas, denominadas de Motivação, Introdução, Leitura e Interpretação.

A “Motivação” é a etapa que prepara e motiva os leitores para que recebam o texto literário, mas que em nenhum momento, o texto e o leitor devem ser silenciados, deixados de lado. Esse estágio também é necessário por se tratar do momento em que o leitor produz suas expectativas e pensamentos acerca da obra, permitindo uma “porta aberta” para a literatura, mesmo que ainda não possua um fator determinante sobre a obra.

Desse modo, o sucesso inicial do encontro do leitor com a obra depende de uma boa motivação. Assim, o professor-mediador poderá utilizar a criatividade e a ludicidade para despertar na turma a motivação necessária para a leitura, podendo utilizar fotografia, mapa, música, pintura, vídeo e objetos que se relacionam de alguma forma à obra ou ao texto literário a ser lido como tema, personagem, ambiente, situação etc. As mais bem-sucedidas práticas de motivação são aquelas que estabelecem laços estreitos com o texto que se vai ler a seguir. Além disso, o elemento lúdico ajuda a aprofundar a leitura da obra literária (Cosson, 2020).

Na etapa da “Introdução”, realiza-se uma breve apresentação da obra selecionada e do seu autor para que seja possível compreender a história e as temáticas que envolvem o material literário. Além disso, Cosson coloca uma preferência de apresentação mais básica sobre o autor, enfatizando os detalhes que se relacionam com a obra. Cabe ao professor, comentar sobre a obra escolhida e da sua importância no momento, justificando sua escolha, a fim de implantar o que há de mais interessante na história para incentivar a leitura, despertar a curiosidade e o interesse dos próprios alunos (Cosson, 2020).

A apresentação da obra em formato físico pode funcionar para um melhor aproveitamento do texto, pois com os alunos tendo o seu próprio material em mãos, podem especular sobre a história e seu contexto, tornando-se uma forma de analisar a capa e demais elementos paratextuais. Trata-se, portanto de uma forma de instigar o levantamento de hipóteses dos alunos sobre a obra e assim, após a leitura do material, os estudantes podem apresentar suas primeiras impressões. Essa fase da sequência básica funciona como uma etapa de apresentação, do autor da obra para os alunos, mediada pelo professor, de forma que os estudantes possam buscar um ponto de interesse com o autor e sua escrita literária, tornando o processo de sequência básica uma atividade prazerosa e dinâmica (Cosson, 2020).

No momento da “Leitura”, é necessário que haja um acompanhamento, pois há um objetivo e um propósito a ser alcançado para os alunos, ficando a cargo do professor auxiliá-los nesse processo de busca quanto ao ponto de interesse da obra. No entanto, não se pode confundir o acompanhamento com um “policiamento”, pois isso poderia influenciar e/ou até mesmo piorar a recepção dos alunos sobre os textos literários, caso já não tenham opiniões negativas fortes sobre o mesmo. Sendo assim, trata-se de um momento de leitura pessoal e subjetiva, que denota impressões, sentimentos e reflexões da obra. É nesse mesmo estágio da sequência básica que os alunos terão um contato potente com o clássico e ter sua experiência estética que este proporciona para os leitores, e não apenas a compreensão da história escrita em si (Cosson, 2020).

A última etapa da sequência básica é a “Interpretação”, momento mais voltado para o “interior” dos leitores e de suas subjetividades. Esse é o estágio em que os estudantes poderão adentrar no universo literário da obra e decifrar a mensagem por trás do texto, o significado de palavras, expressões, ações e discursos. E esse momento chega ao seu ápice quando ocorre uma apreensão global da obra que se realiza logo após a leitura.

Esse período de Interpretação é de caráter individual e está anexo ao núcleo da experiência do leitor através da leitura literária. É o momento em que o texto literário mostra sua “força”, a sua missão para com o leitor, a sua mensagem. Logo, é nesse período que o texto começa a atuar como um caminho de aprendizado e de saberes (Cosson, 2020). Contudo, há o momento “exterior”, no qual o estudante precisará compartilhar a sua interpretação de forma concreta, ou seja, momento no qual deverá ocorrer “a materialização da sua interpretação como ato de construção de sentidos” (Cosson, 2020, p. 65). O compartilhamento interpretativo pode ser feito de forma escrita ou oral.

Dessa forma, Cosson (2020) esclarece que para que os estudantes possam iniciar a leitura de uma obra é importante que todos compartilhem da mesma motivação, do mesmo

ponto de interesse desde o início do processo de leitura. Trata-se de um fator que deve ser mantido e fixado pelo professor, que executa a motivação quando perceber se a mesma está dando frutos de produtividade para os estudantes ou se está prejudicando o seu processo de letramento literário. E para esse momento de leitura do clássico, pode-se usar a oralidade, assim os estudantes podem ler e compreender o texto e, posteriormente, compartilhar suas interpretações, discutindo os diferentes aspectos da narrativa, desenvolvendo a oralidade.

Conforme já mencionado, para a prática sugerida, optou-se por uma edição adaptada da obra, com uma quantidade reduzida de páginas, garantindo que a leitura seja realizada em sala de aula pela turma e em momentos diversificados de leitura como a individual, a coletiva, a compartilhada e a teatralizada. Desse modo, a adaptação selecionada foi a de Leonardo Chianca (2008), com ilustrações de Marcelo Martins, que constitui a *Série Recontar Juvenil*, publicada pela editora Escala Educacional.

Figura 2 – Capa e contracapa da obra adaptada *O conde de Monte Cristo*



Fonte: Chianca (2008). Imagens compiladas pelo autor (2024)

Nas páginas finais, a edição, que promete uma linguagem acessível ao jovem leitor, apresenta as minibiografias de Alexandre Dumas, do autor da adaptação e do ilustrador, e um breve resumo sobre a narrativa.

Justifica-se a indicação para a turma de 9º Ano do Ensino Fundamental pela temática da obra literária se relacionar de forma interdisciplinar com os conteúdos já estudados de História como Iluminismo, Teocentrismo, Antropocentrismo e Revolução Francesa, e de Geografia como Geopolítica, Geografia Espacial, Continentes, entre outros.

Esclarece-se que a sugestão da prática poderá ser adaptada e ajustada para qualquer projeto ou ação, cujo objetivo seja o incentivo à leitura literária e ao letramento literário, podendo ser realizada não só na sala de aula, mas também em diferentes espaços escolares como na biblioteca, na sala de leitura, no pátio da escola, no ginásio, no canteiro ou jardim, desde que o ambiente seja confortável, agradável e ofereça boas condições de iluminação e ventilação.

Caso a proposta da SB seja utilizada em turmas do Ensino Médio poderá ser executada não apenas nas aulas de Língua Portuguesa, mas também em aulas de disciplina Eletiva, ampliando a interdisciplinaridade com Filosofia e Sociologia.

A questão da interdisciplinaridade poderá ser explorada ao longo da etapa da leitura, pois fará com que os alunos possam articular aos seus conhecimentos e saberes, direto ou indiretamente. Isso se deve ao fato de que as etapas da sequência básica exigem que o leitor recorra aos seus conhecimentos prévios e experiências que permanecem em um estado de silêncio ao longo da leitura literária. Sendo assim, é muito comum que, ao estar lendo uma obra sobre um determinado assunto, o leitor se lembre de um certo momento de sua vida, um acontecimento, um fato que determinou algo em seu interior e sua personalidade.

Dessa forma, as etapas da proposta da SB foram planejadas considerando 40 a 50 minutos de aula, sendo recomenda para turmas com até 40 estudantes, propondo uma dinâmica diferenciada para os estudantes conceberem a leitura literária e a literatura de maneira prazerosa, dinâmica e interativa. Tal fator, evita que os estudantes percebam os clássicos e ainda mais, a literatura, de forma inadequada e distanciada da atual realidade, mas sim, que possam explorar, positivamente, os saberes que são ofertados nesta obra literária e tantas outras, utilizando-os em práticas sociais cotidianas.

Para execução da SB, indicamos seguir as etapas conforme o seguinte cronograma:

Quadro 1 – Cronograma da sequência básica

<b>Quantidade de Aulas (40 - 50 min.)</b>	<b>Etapa da SB</b>	<b>Parte do Livro a ser explorada</b>
<b>01</b>	Motivação	Capa, contracapa, título.
<b>01</b>	Introdução	Elementos paratextuais
<b>10</b>	Leitura	Capítulos
<b>03</b>	Interpretação	Todos as partes do livro

Fonte: Quadro elaborado pelo autor (2024)

### 3.2.1 *Motivação*

A motivação, primeira etapa da sequência básica, terá como principal objetivo despertar nos alunos o interesse pela obra e introduzir os temas principais, que estarão voltados para “injustiça” e a “transformação pessoal”. Trata-se de dois pontos que serão trabalhados ao longo de todo processo de SB, por serem centrais ao longo da história do personagem Edmund Dantès em sua jornada de autodesenvolvimento e busca pela justiça, aproximando os alunos do objetivo do personagem.

A atividade a ser proposta para os alunos se inicia com a apresentação da animação com base na obra *O Conde de Monte Cristo* (Roleta do Livro, 2024), em uma TV para melhor experiência dos estudantes, mostrando imagens, caracterização de personagens, cenas e cenários históricos que sirvam para a discussão dos alunos em relação às suas primeiras impressões sobre a obra, que devem ser escritas brevemente no caderno e compartilhadas oralmente. O professor poderá registrá-las na lousa em forma de palavras-chave. Além disso, o professor poderá instigar a turma com perguntas norteadoras como: “Vocês acham que é possível alguém mudar sua personalidade por causa de injustiça que sofreu?” ou “Se vocês fossem acusados injustamente por algo e traídos por quem mais ama, seja um parente, amigo ou conhecido de infância, como vocês reagiriam?”.

### 3.2.2 *Introdução*

Nesta etapa da sequência básica, sugere-se uma breve apresentação da obra e de seu autor, inferindo também qual seria a sua temática. Indica-se a leitura das páginas 108 à 112, nelas a turma encontrará as minibiografias do autor, do adaptador, do ilustrador e breve resumo sobre a narrativa.

Em seguida, aborda-se o enredo da obra, bem como os principais personagens e o contexto histórico em que a obra se passa (Revolução de 1830). No entanto, a principal proposta desta etapa, será realizar uma rápida introdução da obra aos alunos, situando o período em que se passam os acontecimentos da narrativa, século XIX.

Tanto a etapa da motivação quanto a introdução são momentos essenciais para despertar o interesse pela obra e a curiosidade da turma, contudo, elas não devem ultrapassar 50 minutos cada, ou seja, uma aula para cada.

Dessa forma, com os pensamentos voltados para o tema principal, “injustiça”, a obra poderá ser apresentada aos estudantes, explorando-se os elementos paratextuais, capa e contracapa, incluindo ilustrações, título e autoria.

Solicita-se à turma uma leitura da imagem da capa e da contracapa do livro, e do título da obra, para que possam expressar suas primeiras impressões, inferir e formular hipóteses sobre a narrativa, preparando a turma para a próxima etapa, a leitura. Deve-se questionar aos estudantes: Pela leitura da capa, quais suas impressões sobre o personagem principal? É alguém extrovertido ou introvertido? Alguém fácil de lidar ou uma personalidade mais voltada para a solidão? Além disso, o que o título da obra transmite de informação? A palavra “Conde” tem algum significado na opinião de vocês? Alguém já ouviu falar sobre essa obra ou autor?

Esse momento de discussão serve para iniciar as perguntas mais importantes para que se entenda, posteriormente, a questão da injustiça sofrida pelo personagem e de como a narrativa influencia na sua transformação, pois apesar de todos os desafios, sofrimentos e obstáculos, ele permanece focado na sua busca, a princípio, por vingança, depois por justiça.

Quanto à apresentação dos personagens, serão destacados os principais da obra, o protagonista Edmond Dantès, sua noiva Mercedes e os companheiros responsáveis pela prisão de Edmund, chamados Fernand, Danglars e Villefort. Neste momento, será dirigido uma conversa com os alunos a respeito de emoções e sentimentos, a fim de que se coloquem no lugar do protagonista ao ser traído por aqueles que considerava como amigos.

Serão feitas perguntas como: “Vocês conseguem imaginar como Edmund deve ter se sentido ao ser traído?”, “Vocês já se sentiram traídos assim como ele?”, “Qual é principal mudança que acontece dentro de nós quando isso acontece?”.

Dessa forma, conclui-se que nesta etapa, a contextualização da obra é necessária para que os alunos possam tentar compreender a profundidade da literatura através da análise dos personagens, do contexto histórico, dentre outros aspectos. Bem como, tornar possível a discussão de temas centrais como a injustiça sofrida pelo protagonista e fomentar o desenvolvimento de habilidades críticas e empáticas dos estudantes sobre o mesmo.

Através das perguntas propostas e das análises dos elementos paratextuais, os alunos são incentivados a se envolverem ativamente com a obra. Esse engajamento é necessário para despertar o interesse e a curiosidade dos mesmos em relação à história, peças-chave para uma aprendizagem eficaz e prazerosa. Destarte, ao proporcionar uma interação bem estruturada e discussões variadas, prepara-se os alunos para uma compreensão mais ampla dos valores, princípios e questões humanas que a obra aborda. Assim, espera-se que essa abordagem inspire

os alunos a se tornarem leitores críticos e reflexivos, capazes de apreciar a literatura em toda a sua profundidade e complexidade.

### 3.2.3 *Leitura*

Conforme já mencionado, sugere-se que o momento da leitura da obra seja realizada na escola, sendo planejada previamente e mediada pelo professor. Assim, ela pode ser itinerante e a turma poderá transitar pelos ambientes escolares como pátio, biblioteca, ginásio, sala de leitura, sala de aula, jardim, podendo ser realizada de forma individual, compartilhada, coletiva e dramatizada.

Ao longo das aulas destinadas à etapa da leitura, alguns trechos devem ser mais enfatizados para direcionar a discussão acerca das três categorias de análise: princípios, valores e aprendizados, especialmente a partir do conhecimento adquirido pelo protagonista. Sendo assim, para tornar as categorias mais evidentes para a turma, destacam-se os principais trechos para discussão após a leitura, conforme os pontos elencados a seguir:

- Conversa entre os traidores de Dantès quando estão formulando a prisão do protagonista (Dumas, 2008, p. 55; 58 - 62);
- Prisão e condenação injusta do protagonista;
- Encontro entre Edmund Dantès e o Abade Faria, seu mestre e professor, que lhe ensina a ler, a escrever, repassando outros saberes e conhecimentos científicos, além de filosofia, literatura, entre outras artes;
- Fuga de Dantès e caça ao tesouro na Ilha de Monte Cristo;
- O marinheiro dá início a execução de seus planos por justiça;
- Vingança não, justiça;

Essas passagens deverão mostrar aos alunos a importância de buscar o conhecimento, pois esse saber impacta não apenas a vida escolar, mas também a vida cotidiana. Isso pode ser observado quando Dantès percebe que foi enganado e o quão ingênuo ele foi ao confiar em seus “colegas”. Logo, deve-se questionar aos alunos sobre esse ocorrido, “O que se pode ser tirado desses momentos da história do protagonista com o Abade?”, “Quais as vantagens de buscar o conhecimento? Ele serve apenas para tirar notas boas em provas?”, “Vocês se lembram de terem

sido afetados de alguma forma, em alguma situação, por não terem o conhecimento que precisavam?”.

Com esses questionamentos, os alunos devem buscar se lembrar de algum momento de suas vidas pessoais em que tenham enfrentado algum momento de dúvida, incertezas, pois não sabiam o que fazer para solucionar esse problema. Na sequência, deverá ser perguntado aos alunos qual a importância do Abade Faria para o protagonista e para o desenrolar da história: “Vocês sabem dizer por que o Abade Faria é tão importante?”, “O que o Abade Faria representa? Ele é como um símbolo?”, “Vocês acham que Edmund Dantès se tornou uma pessoa melhor ou pior após sua fuga?”. “Edmund deveria se vingar e matar seus inimigos?”

#### 3.2.4 *Interpretação*

Por fim, o tópico final da Interpretação contempla a materialização do letramento literário, que irá abranger uma análise crítica a respeito de Edmund Dantès e os valores, princípios e aprendizados transmitidos pela obra, identificando como esses aspectos estão interligados com os princípios da interação social, com a cidadania e os valores humanos.

A proposta de produção escrita será colocada para os alunos divididos em três grupos, para que cada grupo possa analisar uma categoria (princípios, valores e aprendizados) articulados ao protagonista e em seguida compartilhar suas produções com os demais. Logo, um grupo de alunos irá escrever sobre a evolução do protagonista que deixa de ser alguém ingênuo e passa a ser mais sábio e com poder; outro grupo sobre a decisão do protagonista de buscar por justiça e não por vingança; e o terceiro grupo irá demonstrar como a presença do Abade Faria e de seus ensinamentos mudou a concepção de mundo de Edmund.

Os estudantes devem refletir e escrever sobre os valores, princípios e aprendizados que aprenderam com a obra de Alexandre Dumas e de como a história pode ter lhes auxiliado a se identificar com o protagonista, quais pontos em comum possuem. Eles devem refletir como os pontos discutidos desvelados na obra podem ser aplicados no seu próprio dia a dia como estudantes, mas também como amigos, filhos, cidadãos, relacionando a obra com questões atuais como justiça social e ética.

Dessa forma, a sequência básica terá oferecido uma possibilidade de incentivar o interesse dos alunos para literatura como um todo, inclusive como uma fonte de saber que todos podem consultar quando necessário. E assim, tomar decisões importantes, com mais confiança, ampliando conhecimentos que lhes é requerido para bem conviver em sociedade e manter um estilo de vida baseado em virtudes e valores que são atemporais, ou seja, que não ficam no

passado, mas sim que se estende até o presente, abrangendo as vidas dos estudantes por meio da literatura e do clássico.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante as reflexões suscitadas, percebe-se que a concepção de clássico que norteia este estudo, tornou possível uma análise mais centralizada em relação à obra *O Conde de Monte Cristo*, que como observado anteriormente, oferece um caminho entre o desenvolvimento da história fictícia e a realidade do leitor como estudante e cidadão. Dessa forma, o clássico tenta demonstrar a importância de o estudante buscar o aprendizado e desenvolver habilidades, virtudes e princípios próprios, além da necessidade de buscar por conhecimentos diversos das ciências, artes e culturas através de um professor ou mentor, como é o exemplo do personagem Edmund Dantès e o seu mestre o Abade Faria.

Em outras palavras, aponta-se que a leitura mediada do clássico, por meio da sequência básica, em Cosson (2020), pode oferecer um caminho de autoaperfeiçoamento para os estudantes, por meio do letramento literário. Sendo assim, oportuniza-se aos estudantes a compreensão da importância dos clássicos e da literatura, que pelas narrativas ficcionais, podem se configurar como contribuições para a formação do sujeito social e para o seu bem viver em sociedade, agindo como cidadão ético com direitos e deveres.

Além disso, o clássico busca trabalhar com o aprofundamento da leitura e oferecer uma oportunidade de fazer com a mesma não seja vista como um peso, mas sim como uma oportunidade de ensino, um prazer para os estudantes. Ademais, o clássico também oferta uma chance aos alunos buscarem se recordar de suas memórias pessoais, na intenção de bem compreenderem o quão importante é repensar sobre o passado e as atitudes já tomadas, a fim de que ao reconhecer os erros e as consequências, os estudantes busquem refletir e identificar onde erraram e o que fazer para não o repetir.

Aponta-se ainda que a prática aqui proposta é uma das possibilidades de direcionar o ensino da literatura no contexto escolar e para além dela, na perspectiva do letramento literário, processo no qual se evidencia a potência e a amplitude da literatura na construção e formação do sujeito-leitor. Portanto, o trabalho aponta como a literatura é uma forma de buscar conhecimentos e saberes do passado que são atemporais, ou seja, possuem a capacidade de servir de apoio e ensino para os sujeitos e leitores no tempo da modernidade, mesmo após a data de publicação do clássico e após séculos de conflitos históricos, guerras e revoluções. Por

fim, a literatura continua a ser exatamente aquilo que sempre se tratou, uma forma de inspiração das mentes humanas para o futuro, uma forma de refletir de forma mais aprofundada sobre quem somos, o que fazemos e como nossos desejos nos definem, como alunos, leitor e cidadão.

Sendo assim, espera-se que este estudo, por meio das discussões apontadas e da sugestão da prática de leitura, incentive o ensino da literatura e o letramento literário, no contexto escolar, e que contribua tanto para a formação dos estudantes da educação básica quanto para a formação dos professores de Língua Portuguesa.

## REFERÊNCIAS

- CALVINO, Italo. Por que ler os Clássicos. *In*: CALVINO, Italo. **Por que ler os Clássicos**. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 9-16.
- CAMPOS, Molina Smolli de. O Conde de Monte Cristo: os livros, os autores, o ensino. **Língua, Literatura e Ensino**, Campinas/SP, maio/2009, v. IV. p. 147-158. Disponível em: <https://revistas.iel.unicamp.br/index.php/le/article/view/737>. Acesso em 19 set. 2024.
- CANDIDO, Antonio. O Direito à Literatura. *In*: CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.
- CHIANCA, Leonardo. **O conde de Monte Cristo**. Alexandre Dumas. Adaptação Leonardo Chianca. Ilustrações Marcelo Martins. São Paulo: Escala Educacional, 2008. (Série Recontar Juvenil).
- COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Editora Contexto, 2020.
- DUMAS, Alexandre. **O Conde de Monte Cristo**. Tradução André Telles e Rodrigo Lacerda. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. [edição Bolso de Luxo].
- JÚNIOR, Milton Marques. **Introdução aos Estudos Clássicos**. Texto disponibilizado na disciplina Introdução ao Estudos Clássicos, do curso de Letras – Português, na modalidade de Educação a distância – EAD, no período 2021.1, ofertado pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB. Polo João Pessoa, João Pessoa, 2008.
- RAPIMÁM, Daniel Quilaqueo. Pesquisa qualitativa em educação: possibilidades de investigação em educação. *In*: TAVARES, Manoel; RICHARDSON, Roberto Jarry. (Org.). **Metodologias qualitativas: teoria e prática**. 1. ed. – Curitiba, PR: CRV, 2015.
- ROLETA DO LIVRO. O Conde de Monte Cristo - Alexandre Dumas [Resumo do Livro]. n. 21. Publicado em 02 abr. 2024. **Youtube**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=E5Wlirj62ic>. Acesso em 23 set. 2024.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. Experiência literária e conduta docente. *In*: RETTENMAIER, Miguel; VERARDI, Fabiane. (Org.). **Leitura literária: conceitos, mediações e experiências**. [recurso eletrônico]. – Passo Fundo: EDIUPF, 2023. p. 36-48.

SOUZA, Erick France M. de. **Comentários e ressalvas ao texto *Por que ler os clássicos, de Italo Calvino, referente ao tópico 1***. Texto disponibilizado na disciplina Introdução ao Estudos Clássicos, do curso de Letras – Português, na modalidade de Educação a distância – EAD, [s.d.], no período 2021.1, ofertado pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB. Polo João Pessoa.

ZILBERMAN, Regina. O livro infantil e a formação de leitores em processo de alfabetização. *In*: ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura** [livro eletrônico]. – Curitiba: Ibpe, 2012. – (Série Literatura em Foco).

ZILBERMAN, Regina. Sim, a literatura educa. *In*: ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel, Theodoro. **Literatura e pedagogia**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.